

Marxismo e Revisionismo

V. I. Lenine

Escrito: não depois de 3 (16) de Abril de 1908.

Primeira edição: 1908 no *Symposium Karl Marx—1818-1883*. Assinado: *Vl. Ilyin*.

Origem da Presente Tradução: “Obras Escogidas em Tres Tomos” de V. I. Lênin, volume 1, páginas 66 a 73; publicado pelo Instituto de Marxismo-Leninismo do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, a partir da tradução para o espanhol da 1ª edição em russo (1961). Edição em espanhol publicada em 1975, pela Editorial Progreso, Moscou.

Traduzido do espanhol por: Fernando Antônio de Souza Araújo para o [Arquivo Marxista na Internet](#).

HTML por: José Braz para o [Arquivo Marxista na Internet](#).

Direito de Reprodução: Lenin Internet Archive (marxists.org), 2005. A cópia ou distribuição deste documento é livre e indefinidamente garantida nos termos da [GNU Free Documentation License](#).

Um conhecido aforismo diz que, se os axiomas geométricos contrariassem os interesses dos homens, seguramente haveria quem os refutasse. As teorias das ciências naturais, que contrariavam os velhos prejulgamentos da teologia, provocaram e seguem provocando, até hoje em dia, a luta mais raivosa. Nada tem de extraordinários, portanto, que a doutrina de Marx que serve diretamente à educação e à organização da classe de vanguarda da sociedade moderna, que indica as tarefas desta classe e demonstra a inevitável substituição – em virtude do desenvolvimento econômico – do regime atual por uma nova ordem; não é de estagnar que esta doutrina teve que lutar a cada passo dado ao longo da história.

Não nos referimos à ciência e à filosofia burguesas, ensinadas, de forma burocrática, pelos professores oficiais para entorpecer as novas gerações das classes proprietárias e “amestra-las” contra os inimigos internos e externos. Esta ciência não quer nem ouvir falar de marxismo, declarando-o refutado e destruído; tanto os jovens cientistas, que fazem carreiras refutando o socialismo, como os anciões caducos, que guardam o legado de todo tipo de antiquados “sistemas”, se atiram sobre Marx com o mesmo anseio. Os avanços do marxismo, a divulgação e a aceitação de suas idéias entre a classe trabalhadora, provocam, inevitavelmente, a reiteração e o aprofundamento

destes ataques burgueses contra o marxismo, que de cada uma de suas “destruições” por obra da ciência oficial, sai mais fortalecido, com mais vigor e mais fundamental.

Porém, entre as doutrinas vinculadas à luta da classe operária e divulgadas predominantemente entre o proletariado, o marxismo tão pouco firmou sua posição de imediato. Durante o primeiro meio século de sua existência (desde a década de 40 do século XIX), o marxismo lutou contra as teorias que lhes eram profundamente hostis. Na primeira metade da década de 40, Marx e Engels ajustaram contas com os jovens hegelianos radicais, que defendiam o ponto de vista do idealismo filosófico. Ao final desta década passa ao primeiro plano a luta, no campo das doutrinas econômicas, contra o proudhonismo ⁽¹⁾. Esta luta chega ao seu final na década de 50: crítica aos partidos e às doutrinas que se revelaram no turbulento ano de 1848. Na década de 60, a luta desloca-se, do campo da teoria geral, para um campo mais próximo ao movimento operário propriamente dito: expulsão do bakunismo da Internacional. No começo da década de 70, se destaca na Alemanha, por breve espaço de tempo, o proudhonista Mühlberger, ao final deste período, o positivista Dühring. Porém a influência de um ou outro sobre o proletariado já é extremamente insignificante. O marxismo já triunfava, incondicionalmente, sobre todas as demais ideologias do movimento operário.

Desde a década de 90 do século passado, este triunfo, em seus traços principais, já estava consumado. Até nos países latinos, onde por mais tempo se haviam mantido as tradições do proudhonismo, os partidos operários estruturaram, de fato, seus programas e sua tática sobre bases marxistas. A organização internacional do movimento operário, ao prosseguir — em forma de congressos internacionais periódicos —, se colocou, imediatamente e quase sem luta, em tudo que é essencial, no terreno do marxismo. Entretanto, quando o marxismo suplantou todas as doutrinas mais ou menos completamente hostis ao mesmo, as tendências que se abrigavam nestas doutrinas começaram a buscar outros caminhos. Mudaram as formas e os fundamentos da luta, mas a luta continuou. E o segundo meio século de existência do marxismo (década de 90 do século passado) começou com a luta contra a corrente hostil ao marxismo em seu próprio seio.

Esta corrente deve seu nome ao ex-marxista ortodoxo Bernstein, que é quem fez mais ruído e quem deu o formato mais completo às emendas feitas a Marx, à revisão de Marx, ao revisionismo⁽²⁾. Inclusive na Rússia, aonde o socialismo não marxista, logicamente — em virtude do atraso econômico do país e do predomínio da população campesina, oprimida pelos vestígios feudais —, se manteve mais tempo, inclusive na Rússia, aos nossos olhos, este socialismo se converte claramente, em revisionismo. Tanto na questão agrária (programa de municipalização de toda a terra) como nas questões programáticas gerais e táticas, nossos social-populistas substituem, cada vez mais com “emendas” a Marx, os restos agonizantes e caducos do velho sistema, coerentes ao seu modo e profundamente hostis ao marxismo.

O socialismo pré-marxista foi derrotado. Já não continua a luta em seu próprio terreno, mas no terreno geral do marxismo, a título de revisionismo. Vejamos, pois, qual é o conteúdo ideológico do revisionismo.

No campo da filosofia o revisionismo ia a reboque da “ciência” acadêmica burguesa. Os professores “retornavam a Kant”, e o revisionismo se arrastava atrás dos neokantianos; os professores repetiam, pela milésima vez, as vulgaridades dos sacerdotes contra o materialismo filosófico, e os revisionistas sorrindo complacentemente resmungavam (repetindo com todas as letras o último manual) que o materialismo havia sido “refutado” já há muito tempo. Os professores tratavam Hegel como um “cachorro morto”⁽³⁾ e, pregando eles mesmos, o idealismo, só que mil vezes mais pobre e trivial que o hegeliano, dando de ombros, desdenhosamente, frente à dialética, os revisionistas se afundavam no pântano do envelhecimento filosófico da ciência, substituindo a “sutil” (e revolucionária) dialética pela “simples” (e pacífica) “evolução”. Os professores ganhavam seu soldo do Estado ajustando seus sistemas, tanto os idealistas como os “críticos”, à “filosofia” medieval imperante (o que equivale a dizer: a teologia), e os revisionistas se juntavam a eles, esforçando-se por fazer da religião uma “incumbência privada”, não em relação ao Estado moderno, mas em relação ao partido da classe de vanguarda.

Desnecessário explicitar que significação real de classe tinham semelhantes “emendas” a Marx: a coisa é clara por si só. Assinalaremos, somente, que Plekanov foi o único marxista dentro da social democracia internacional que fez, do ponto de vista do materialismo dialético conseqüente, a crítica daquelas

incríveis banalidades acumuladas pelos revisionistas. É necessário destacar isto decididamente, porque, em nosso tempo, se fazem tentativas, profundamente errôneas, para fazer passar a velha e reacionária miscelânea filosófica sob a bandeira da crítica do oportunismo tático de Plekanov (veja-se o livro “Ensaio sobre a filosofia do marxismo” de Bogdánov, Bazárov e outros). Aqui não é o lugar oportuno para analisar este livro, e no momento, tenho que limitar-me a declarar que, não demora, irei demonstrar em uma série de artigos, ou em um folheto especial, que tudo o que se disse no texto sobre os revisionistas neokantianos guarda, também, relação, em essência com estes “novos” revisionistas neohumanistas e neoberkelianos. (veja-se V. I. Lênin, Obras, 5 ed. em russo, t. 18 – Nota do editor).

Passando à Economia Política, deve ser destacado, antes de tudo, que neste campo as “correções” dos revisionistas eram mais variadas e minuciosas; tratavam de influenciar o público com “novos dados do desenvolvimento econômico”. Diziam que, no campo da economia rural, não se opera de nenhum modo a concentração e o deslocamento da pequena produção pela grande e, que no comércio e na indústria ocorre com extrema lentidão. Diziam que, agora, as crises tornaram-se mais raras e mais fracas, e que era provável que os cartéis e os trustes dessem ao capital a possibilidade de eliminar, por completo, as crises. Diziam que a “teoria do colapso”, para o qual marcha o capitalismo, é inconsistente por causa da tendência das contradições de classe se atenuarem e suavizarem-se. Diziam, finalmente, que não seria mau corrigir também a teoria do valor de Marx em consonância com Böhm-Bawerk ⁽⁴⁾.

A luta contra os revisionistas, em torno destas questões, serviu para reavivar fecundamente o pensamento teórico do socialismo internacional, tal qual, vinte anos antes, havia ocorrido com a polêmica de Engels contra Dühring. Os argumentos dos revisionistas foram analisados com fatos e cifras nas mãos. Demonstrou-se que os revisionistas sistematicamente embelezavam a pequena produção atual. O fato da superioridade técnica e comercial da grande produção sobre a pequena, não só na indústria, mas também na agricultura, está demonstrado com dados irrefutáveis. Porém, na agricultura, a produção mercantil está muito menos desenvolvida, e os estatísticos e economistas atuais não sabem, no geral, destacar aqueles ramos (e, às vezes, inclusive as operações) especiais da agricultura que demonstram como esta se vê envolvida, progressivamente, no intercâmbio da economia mundial. A pequena produção

se sustenta sobre as ruínas da economia natural, graças à deterioração infinita da alimentação, à fome crônica, ou à prolongação da jornada de trabalho, à queda na qualidade do gado e nos cuidados com o mesmo; em uma palavra, graças àqueles mesmos meios com que se sustentou, também, a produção artesanal contra a manufatura capitalista. Cada avanço da ciência e da técnica mina, inevitável e inexoravelmente os alicerces da pequena produção na sociedade capitalista. E a tarefa da economia socialista consiste em investigar este processo em todas as suas formas, não poucas vezes complexas e intrincadas, e demonstrar ao pequeno produtor: a impossibilidade de sustentar-se sob o capitalismo; a situação desesperada das fazendas camponesas no regime capitalista e a necessidade de que o campesinato aceite o ponto de vista do proletariado. Frente ao problema de que tratamos, os revisionistas cometeram, no aspecto científico, o pecado de incorrer em uma superficial generalização de alguns fatos, separados unilateralmente, à margem de suas conexões com todo o regime do capitalismo, e, no sentido político, cometeram o pecado de conclamar ou empurrar o camponês, inevitavelmente, de modo voluntário ou involuntário, para o ponto de vista do proprietário (ou seja, ao ponto de vista da burguesia), em vez de empurrá-lo ao ponto de vista do proletariado revolucionário.

O revisionismo saiu ainda pior em relação à teoria das crises e a teoria do colapso. Somente durante um tempo muito curto, e unicamente os muito míopes, podiam pensar em modificar os fundamentos da doutrina de Marx em função de alguns anos de auge e prosperidade industrial. Logo, a realidade se encarregou de demonstrar ao revisionistas que as crises não haviam fenecido: após a prosperidade sucediam-se as crises. Modificaram-se, as formas, o encadeamento, o quadro das diversas crises, entretanto estas continuavam sendo parte integrante, inevitável, do regime capitalista. Os cartéis e os trustes, unificando a produção, reforçaram ao mesmo tempo, à vista de todos, a anarquia da produção, a insegurança econômica do proletariado e a opressão do capital, aprofundando deste modo, em um grau nunca visto, as contradições de classe. Que o capitalismo marcha para o colapso – tanto no sentido das crises políticas e econômicas isoladas, como no sentido da completa demolição de todo o regime capitalista – demonstram, de modo bem palpável e em proporções particularmente extensas, os modernos e gigantescos trustes. A recente crise financeira na América do Norte, o espantoso desemprego em toda a Europa, sem falar da próxima crise industrial, cujos sintomas não são poucos, tudo isto

fez com que as recentes “teorias” dos revisionistas tenham sido esquecidas por todos, inclusive, ao que parece, por muitos dos próprios revisionistas. O que não se pode esquecer são os ensinamentos que esta instabilidade dos intelectuais deu à classe trabalhadora.

Em relação à teoria do valor, só é necessário dizer que, excluindo alusões e sussurros muito vagos, ao modo de Böhm-Bawerk, os revisionistas não acrescentaram absolutamente nada nem deixaram, portanto, nenhuma contribuição ao desenvolvimento do pensamento científico.

No campo da política, o revisionismo tentou rever o que constitui realmente a base do marxismo, ou seja, a teoria da luta de classes. A liberdade política, a democracia, o sufrágio universal destroem a base da luta de classes – nos diziam os revisionistas – e negavam a velha tese do Manifesto Comunista de que os trabalhadores não têm pátria. Na medida em que na democracia impera a “vontade da maioria”, não devemos ver no Estado, segundo eles, o organismo da dominação de classe, nem negarmo-nos a fazer alianças com a burguesia progressista, social-reformista, contra os reacionários.

É indiscutível que estas objeções dos revisionistas se reduzem a um sistema bastante harmônico de concepções, a saber: as bem conhecidas concepções liberais burguesas. Os liberais sempre disseram que o parlamentarismo burguês suprime as classes e as diferenças de classe, já que todos os cidadãos, sem exceção, têm direito ao voto e a intervir nos assuntos do Estado. Toda a história da Europa durante a segunda metade do século XIX, e toda a história da revolução russa, no início do século XX, demonstram, cabalmente, quão absurdos são tais conceitos. Com as liberdades do capitalismo “democrático”, as diferenças econômicas, longe de se atenuarem, se acentuam e se aprofundam. O parlamentarismo não elimina, ao contrário, deixa evidente que, na essência, as repúblicas burguesas democráticas são órgãos de opressão de classe. Ajudando a informar e a educar e a organizar massas da população incomparavelmente mais extensas que as que antes participavam de modo ativo dos acontecimentos políticos, o parlamentarismo prepara, desta forma, não a eliminação das crises e das revoluções políticas, mas a intensificação da guerra civil durante estas revoluções. Os acontecimentos de Paris, na primavera de 1871, e os da Rússia, no inverno de 1905, demonstraram, com excepcional clareza, quão inevitavelmente ocorre esta intensificação. A burguesia

francesa, para esmagar o movimento proletário, não vacilou nem um segundo em aliar-se ao inimigo de toda a nação, as tropas estrangeiras que haviam arruinado sua pátria. Quem não compreenda a inevitável dialética interna do parlamentarismo e da democracia burguesa, que leva a solucionar o conflito pela violência massiva de modo mais intenso que em tempos anteriores, jamais saberá desenvolver, no âmbito deste parlamentarismo, uma propaganda e uma agitação conseqüentes do ponto de vista dos princípios, que preparem verdadeiramente as massas operárias para a participação vitoriosa em tais “disputas”. A experiência das alianças, dos acordos, e dos blocos com o liberalismo social reformista no Ocidente e com o reformismo liberal (democratas constitucionistas (5)) na revolução russa, mostra, de maneira convincente, que estes acordos não fazem mais que entorpecer a consciência das massas, não reforçando, mas debilitando a significação real de sua luta, unindo os lutadores com os elementos menos capazes de lutar, com os elementos mais vacilantes e traidores. O millerandismo francês (6) – a maior experiência de aplicação da tática política revisionista em ampla escala, realmente nacional – nos deu uma avaliação prática do revisionismo, que o proletariado do mundo jamais esquecerá.

O complemento natural das tendências econômicas e políticas do revisionismo era sua atitude frente à meta final do movimento socialista. “O objetivo final não é nada; o movimento é tudo”; esta frase proverbial de Bernstein expressa a essência do revisionismo melhor que muitas extensas dissertações. Determinar o comportamento de um caso para outro, adaptar-se aos acontecimentos do dia, às mudanças dos detalhes políticos, esquecer os interesses fundamentais do proletariado e os traços fundamentais de todo regime capitalista, de toda a evolução do capitalismo, sacrificar estes interesses fundamentais no altar das vantagens reais ou supostas do momento: essa é a política revisionista. Da essência desta política se deduz, com toda a evidência, que a mesma pode adotar formas infinitamente diversas e que cada problema um pouco “novo”, cada mudança um pouco inesperada e imprevisível dos acontecimentos – mesmo que esta mudança só altere a linha fundamental do desenvolvimento em proporções mínimas e por curto prazo –, provocará sempre, inevitavelmente, esta ou outra variedade de revisionismo.

O caráter inevitável do revisionismo está condicionado por suas raízes de classe na sociedade atual. O revisionismo é um fenômeno internacional. Para

nenhum socialista com um pouco de esclarecimento e de reflexão pode existir a menor dúvida que a relação entre os ortodoxos bernsteinianos na Alemanha, entre os guesdistas e os jauresistas (atualmente, em particular os broussistas) na França (7), entre a Federação Social Democrata e o Partido Trabalhista Independente na Inglaterra (8), entre De Brouckère e Vandervelde na Bélgica(9), os integralistas e os reformistas na Itália(10), os bolchevistas e os mencheviques na Rússia, é, em todas as partes, substancialmente, uma e a mesma relação, em que pese a gigantesca diversidade das condições nacionais e dos fatores históricos na situação atual em todos estes países. A “divisão” no seio do socialismo internacional contemporâneo já se desenvolve, agora, nos diversos países do mundo, essencialmente, em uma mesma linha, o que demonstra o formidável passo adiante que foi dado em comparação com o que ocorria há 30 ou 40 anos, quando nos diversos países lutavam tendências heterogêneas dentro do socialismo internacional. E esse “revisionismo de esquerda” que hoje se perfila nos países latinos com o nome de “sindicalismo revolucionário”(11), se adapta, também, ao marxismo “emendando-o”: Labriola na Itália, Lagardelle na França apelam a cada passo do Marx mal compreendido ao Marx bem compreendido.

Não podemos nos deter a examinar aqui o conteúdo ideológico deste revisionismo, que se distancia muito, em termos de desenvolvimento, do revisionismo oportunista, e que não está internacionalizado, que não enfrentou nenhuma batalha prática importante com o partido socialista de nenhum país. Por isso, nos limitaremos a esse “revisionismo de direita”, que descrevemos acima.

Em que se estriba seu caráter inevitável na sociedade capitalista? Por que é mais profundo que as diferenças decorrentes das particularidades nacionais e do grau de desenvolvimento do capitalismo? Porque em todo país capitalista existem sempre ao lado do proletariado, extensas camadas da pequena burguesia, de pequenos proprietários. O capitalismo originou-se e segue originando-se, constantemente, da pequena produção. O capitalismo cria de novo, infalivelmente, toda série de “camadas médias” (apêndice das fábricas, trabalho a domicílio, pequenas oficinas disseminadas por todo o país, em virtude das exigências da grande indústria, por exemplo, da indústria de bicicletas, de automóveis, etc.). Estes novos pequenos produtores se vêm atirados também, de modo não menos inevitável, às filas do proletariado. É

perfeitamente natural que a mentalidade pequeno-burguesa irrompa de novo, uma ou outra vez, no seio dos grandes partidos operários. É perfeitamente natural que deva suceder deste modo, e assim sucederá sempre, até chegar aos imprevistos da revolução proletária, pois seria um profundo erro pensar que é necessário que a maioria da população se proletarize “por completo” para que essa revolução se realize. O que vivemos com freqüência, hoje em dia, no plano puramente ideológico, são as disputas em torno das emendas teóricas feitas a Marx; o que hoje apenas se manifesta na prática a propósito de certos problemas parciais, isolados, do movimento operário, como divergências táticas com os revisionistas e os rompimentos sobre este terreno, sem falta, a classe operária terá que viver, em proporções incomparavelmente maiores, quando a revolução proletária acirrar todos os problemas em litígio e concentrar todas as divergências nos pontos de importância mais imediata para determinar a conduta das massas, obrigando a separar, no calor do combate, os inimigos dos amigos, expulsar os maus aliados, para aplicar os golpes decisivos sobre o inimigo.

A luta ideológica do marxismo revolucionário contra o revisionismo, iniciada no fim do século XIX, nada mais é que o prelúdio dos grandes combates revolucionários do proletariado, que, apesar de todas as vacilações e debilidades dos filisteus, avança até o triunfo completo da sua causa.

VI. Ilín.

Notas:

(1) Proudhon (1809-1865): socialista pequeno-burguês francês, anarquista, fundador do proudhonismo, corrente anticientífica e antimarxista. Ao criticar a grande propriedade capitalista de acordo com sua posição pequeno-burguesa, Proudhon aspirar perpetuar a pequena propriedade privada, propunha organizar o Banco do Povo e o Banco do Câmbio, com ajuda dos quais obteriam os operários – segundo ele – seus próprios meios de produção, se converteriam em artesãos e assegurariam a venda “equitativa” de seus produtos. Proudhon não compreendia o papel histórico e o significado do proletariado e negava a luta de classes, a revolução proletária e a ditadura do proletariado. Como anarquista, negava, também, a necessidade do Estado. Marx e Engels mantivera, uma luta conseqüente contra as tentativas de Proudhon de impor suas idéias à I Internacional. O proudhonismo foi submetido a uma crítica

demolidora na obra de Karl Marx: “Miséria da Filosofia”. A luta determinada de Karl Marx e F. Engels e seus partidários contra o proudhonismo terminou com a completa vitória do marxismo na I Internacional. Lênin caracterizou o proudhonismo de “teoria do pequeno-burguês e do filisteu obtuso”, incapaz de colocar-se do ponto de vista da classe operária. As idéias do proudhonismo são utilizadas em grande escala pelos “teóricos” burgueses para defenderem a colaboração entre as classes. [\(voltar ao texto\)](#)

(2) Lênin alude ao bernsteinianismo: corrente hostil ao marxismo, na social democracia internacional, surgida ao fim do século XIX na Alemanha, e que deve seu nome ao social-democrata oportunista alemão Eduardo Bernstein. Depois da morte de Engels, Bernstein propugnou a descarada revisão da doutrina revolucionária de Marx, de acordo com o espírito do liberalismo burguês (nos artigos “Problemas do Socialismo” e no livro “Premissas do socialismo e tarefas da social democracia”), pretendendo converter o Partido Social Democrata num partido pequeno burguês de reformas sociais.

Na Rússia foram partidários do bernsteinianismo os “marxista-legais”, os “economistas”, os bundistas e os mencheviques. [\(voltar ao texto\)](#)

(3) Lênin cita as palavras do epílogo de Karl Marx na segunda edição do primeiro tomo do “O Capital”. [\(voltar ao texto\)](#)

(4) “Teoria da utilidade limite” foi elaborada pelo economista burguês austríaco Böhm-Bawerk em oposição à teoria do valor de Marx. Böhm-Bawerk determina o valor das mercadorias em função da sua utilidade para os homens e não em função da quantidade de trabalho socialmente necessário utilizado em sua produção. [\(voltar ao texto\)](#)

(5) Democratas Constitucionalistas (Partido Democrata Constitucionalista): principal partido da burguesia imperialista russa, fundado em outubro de 1905. Os democratas constitucionalistas se denominavam partido “da liberdade do povo”, mas na realidade aspiravam um entendimento com a autocracia a fim de manter o tzarismo na forma de monarquia constitucional. Ao estourar a guerra imperialista (1914-1918), exigiram continuar “a guerra até a vitória”. Depois da revolução de Fevereiro e como resultado de uma confabulação com os líderes socialistas revolucionários e mencheviques do Soviete de Petrogrado, ocuparam os postos de direção no governo burguês e aplicaram uma política antipopular contra revolucionária.

Triunfando a Grande Revolução Socialista de Outubro, os democratas constitucionalistas – inimigos cruéis do Poder soviético – tomaram parte na luta armada e em todas as ações da contra-revolução. Depois da derrota dos intervencionistas e dos guardas brancos, os democratas constitucionalistas continuaram sua atividade contra-revolucionária no exterior. [\(voltar ao texto\)](#)

(6) Millerandismo (ministerialismo): corrente oportunista nos partidos socialistas da Europa Ocidental nos fins do século XIX e começo do XX; deve seu nome ao socialista francês A. Millerand, que em 1899 tomou parte do governo burguês reacionário da França e aplicou, juntamente com a burguesia, uma política imperialista. ([voltar ao texto](#))

(7) Guesdistas e jauresistas, broussistas (possibilistas):

Guesdistas: partidários de Julio Guesde e Pablo Lafargue, corrente marxista de esquerda, que propugnava uma política revolucionária proletária independente. Os guesdistas conservaram o nome do Partido Operário da França e continuaram apoiando o programa do partido, aprovado em 1880 em Havre, cuja parte teórica foi escrita por Karl Marx. Exerciam grande influência nos centros industriais da França e uniam os elementos avançados da classe operária. Em 1901, os guesdistas formaram o Partido Socialista da França.

Jauresistas: partidários de Juan Jaurés, que encabeçou a ala direita, reformista, do movimento socialista francês. Encobrendo-se com a exigência de “liberdade de crítica”, os jauresistas tratavam de revisar as teses fundamentais do marxismo e defendiam a colaboração de classe entre o proletariado e a burguesia. Em 1902, os jauresistas formaram o Partido Socialista Francês que manteve posições reformistas.

Broussistas (possibilistas): membros da corrente oportunista surgida no movimento operário francês nos anos 80 do século XIX, encabeçada por Benito Melon e Pablo Brousse. Os possibilistas eram adversários de um partido revolucionário do proletariado e defendiam a renúncia à luta revolucionária, considerando que a marcha paulatina para o socialismo era, possível, unicamente, com a colaboração da administração local, ou seja, dos municípios. Por sua política oportunista, que se reduzia à chamada “política de possibilidades” foram qualificados, ironicamente, por Guesde, de possibilistas. Ao término da década de 80, os possibilistas, com o apoio de alguns elementos oportunistas de outros países, em particular de Hyndman (Federação Social Democrata da Inglaterra), tentaram apoderar-se da direção do movimento operário internacional. Contudo, a maioria das organizações socialistas dos diversos países não seguiu os possibilistas e participaram do Congresso de marxistas ocorrido em Paris de 14 a 20 de julho de 1889. Este Congresso foi o começo da II Internacional. Engels sustentou uma luta perseverante contra os possibilistas desmascarando sua atividade separatista. Em 1902, os possibilistas, junto com outros grupos reformistas, fundaram o Partido Socialista Francês.

Em 1905, o Partido Socialista da França e o Partido Socialista Francês se unificaram em um só partido. Durante a guerra imperialista de 1914-1918, Guesde, com toda a direção do Partido Socialista Francês, adotou as posições do social chauvinismo. ([voltar ao texto](#))

(8) Se refere à Federação Social Democrata da Inglaterra, fundada em 1884. Juntamente com os reformistas (Hyndman e outros) e os anarquistas, formava parte da Federação Social Democrata da Inglaterra um grupo de social democratas revolucionários partidários do marxismo (Harry Quelch, Tom Mann, Edward Eveling, Leonora Marx e outros), que constituíram a ala esquerda do movimento socialista da Inglaterra. F. Engels criticou energeticamente a Federação Social Democrata da Inglaterra pelo seu dogmatismo e sectarismo, por separar-se do movimento operário de massas da Inglaterra e por ignorar as suas peculiaridades. Em 1907, a Federação Social Democrata da Inglaterra passou a chamar-se Partido Social Democrata. Este junto com os elementos de esquerda do Partido Operário Independente formaram, em 1911, o Partido Socialista Britânico; em 1920, a maioria de seus filiados tomou parte na fundação do Partido Comunista da Grã Bretanha. Independent Labour Party (I.L.P.) (Partido Trabalhista Independente) foi fundado em 1893. Era encabeçado por James Keir Hardie, Ramsay MacDonald e outros. Ainda que pretendesse manter independência política em relação a outros partidos burgueses, na realidade, o Partido Trabalhista Independente só era “independente” do socialismo, porém “muito dependente do liberalismo” (Lênin). No começo da primeira guerra mundial (1914-1918), o Partido Trabalhista Independente publicou um manifesto contra a guerra (em 13 de agosto de 1914). Em seguida, em fevereiro de 1915, na Conferência de Londres dos socialistas dos países do Pacto, os independentes aderiram à resolução social chauvinista adotada pela Conferência. A partir de então, os líderes dos independentes, encobrendo-se com frases pacifistas, mantiveram uma posição social chauvinista. Em 1919, os líderes do Partido Trabalhista Independente, sobre pressão das massas radicalizadas do partido, acordaram em abandonar a II Internacional. Em 1921, os independentes ingressaram na chamada Internacional II e meio e, depois após a desagregação da mesma, voltaram a ingressar na II Internacional. Em 1921, a ala esquerda do Partido Trabalhista Independente da Inglaterra se separou do mesmo e ingressou no Partido Comunista da Grã Bretanha. [\(voltar ao texto\)](#)

(9) No Partido Operário Belga, Brouckère e seus partidários se pronunciaram contra a participação dos socialistas em um governo burguês reacionário e lutavam contra Vandervelde, que encabeçava os revisionistas belgas. Posteriormente, Brouckère adotou posições oportunistas. [\(voltar ao texto\)](#)

(10) Os integralistas: partidários do socialismo “integral”, variedade do socialismo pequeno burguês. [\(voltar ao texto\)](#)

(11) “Sindicalismo revolucionário”: corrente pequeno-burguesa, semi-anarquista, surgida no movimento operário de diversos países da Europa Ocidental no final do século XIX. Os sindicalistas negavam a necessidade da luta política da classe operária, o

papel dirigente do partido e a ditadura do proletariado, e consideravam que os sindicatos, mediante a greve geral dos operários, mas sem revolução, poderiam derrotar o capitalismo e tomar em suas mãos a direção da produção. Lênin destacava que “o sindicalismo revolucionário tem sido em muitos países o resultado direto e inevitável do oportunismo, do reformismo e do cretinismo parlamentar”. (Veja-se Obras, 5ª ed. em russo, t. 16, pág. 188). [\(voltar ao texto\)](#)